

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA – IJUSC

Este *paper* é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista junguiana

Candidata: Jussara Veiga Silva Zardo

Paper 7 – Florianópolis, 22 de abril de 2024

A ALQUIMIA COMO METÁFORA DO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

O tema deste *paper* surgiu a partir de reflexões sobre os conteúdos propostos no programa do curso de formação para analista junguiano. Neste, temos a oportunidade de ampliar e aprofundar conhecimentos sobre a psicologia analítica; para tanto, contamos com os ensinamentos de professores e analistas experientes, aos quais seremos eternamente gratos. Durante um semestre, o referido programa contempla os estudos sobre a alquimia, dando a esta disciplina um lugar de destaque.

Diante de um assunto tão complexo e desafiador, por hora, sabemos que precisamos e queremos continuar estudando muito, porque entendemos que esta não é uma linha de chegada, e sim um caminho a ser percorrido. Um dos lemas da alquimia é – *solve et coagula* – também conhecida como *arte espagírica*, onde *spao* significa separar e *ageiro*, juntar. Seguindo esse lema, neste trabalho, achamos por bem primeiro separar, descrevendo sobre a alquimia, a metáfora e o processo de individuação; e depois juntaremos estes conteúdos, colocando-os em relação.

Começando então pela alquimia¹, a partir de fontes reconhecidas, abordaremos sua história, respondendo às seguintes questões: Como surgiu a alquimia? E, o que os alquimistas buscavam? Na sequência, descreveremos de forma concisa, sobre a meta da alquimia; a obra – *opus* alquímica; as fases ou estágios; as operações e os princípios alquímicos. À medida dessa exposição, serão apontados alguns símbolos alquímicos. Nessa mesma temática, comentaremos como se deu o encontro de Jung com a alquimia, e qual a importância desse conhecimento para a prática analítica.

1. Alquimia: “Concepções filosófico-esotéricas, práticas mágicas e pesquisas naturalísticas que no seu conjunto visam à transformação dos metais vis em metais nobres. O termo designa especificamente um conjunto de operações em que se encontram recompostos as atitudes práticas e teóricas, os aspectos artesanais e os simbólicos, a partir de uma visão da realidade em que matéria e espírito, assim como homem e universo, revelam profundas ligações”. (PIERI, 2022, p. 28).

Vargas (2017) esclarece-nos que não se sabe exatamente onde, nem como a alquimia surgiu; ele diz também que encontramos várias versões sobre a etimologia da palavra alquimia. Ao que parece *al-kymia* provém do egípcio *khemim* referindo-se ao Antigo Egito, que era conhecido por este nome, significando a *terra-negra*.

Segundo a filosofia hermética, descrita no livro *O Caibalion* (2022), os ensinamentos fundamentais, esotéricos e ocultos, por milhares de anos influenciaram as filosofias de todas as nações, raças e povos. De acordo com essa filosofia, o Egito foi o berço dos Ensinamentos Místicos e dessa Sabedoria Oculta. Lá habitavam os grandes mestres e adeptos, entre eles uma vez habitou um que foi chamado de “O Mestre dos Mestres” – “[...] tal homem, se de fato ele era, habitou no Egito durante os tempos primordiais, e era conhecido como Hermes Trimegisto. Hermes era o pai da Sabedoria Oculta, o fundador da Astrologia, o descobridor da Alquimia”. (2022, p.11).

Von Franz, ao nos apresentar a alquimia do ponto de vista psicológico, diz que:

A alquimia, no sentido mais estrito da palavra, teve dois pais: a filosofia racional grega, ou pode-se dizer, uma filosofia da natureza (refiro-me principalmente aos filósofos gregos pré-socráticos, como Empédocles, Tales de Mileto etc., e Heráclito) por um lado, e a tecnologia egípcia por outro. (FRANZ, 2022a, p. 10).

Hillman (2011, p. 23) destaca que as cinco supostas fontes da alquimia são tecnológicas: 1) Metalurgia e joalheria – extrair, aquecer, derreter, forjar e temperar; 2) Tecidos e tingimentos – banhar, colorir e secar; 3) Embalsamamento dos mortos – desmembrar, esvaziar, infundir e preservar; 4) Perfumaria e cosmética – moer, misturar, destilar e evaporar e 5) Farmácia – distinguir, fazer tinturas, dosar, dissolver, dissecar e pulverizar; e todas indicam trabalhos manuais, que se utilizam de materiais sensoriais. Barcellos esclarece-nos que “[...] a alquimia é extremamente material, trabalha com materiais, trabalha para a matéria, mas não literalmente. [...] a matéria é o apoio, a base da imaginação”. (BARCELLOS, in Schwarzstein, 2023, p. 68).

Refletindo sobre a *definição de alquimia*, quando diz tratar-se de “[...] pesquisas naturalísticas que no seu conjunto visam à transformação dos metais vis em metais nobres”. (PIERI, 2022, p. 28).; e, sobre a afirmação de Jung que diz “[...] é indubitável que jamais foi produzida uma verdadeira tintura ou ouro artificial durante todos esses séculos de intenso labor”. (JUNG, OC XII, § 341). – A pergunta que fica é: se os alquimistas nunca encontraram o ouro e sabiam que não iriam encontrar, por que

continuavam pesquisando e fazendo operações? Jung levanta essa questão e responde da seguinte forma:

Podemos então perguntar com toda a razão o que induzia os velhos alquimistas a prosseguir trabalhando ou ‘operando’ (como diziam) de modo constante, escrevendo todos aqueles tratados sobre a ‘divina’ arte, se toda a sua ação era tão desprovida de esperança? Para fazer-lhes justiça devemos acrescentar que todos os conhecimentos essenciais da química e suas limitações eram-lhes desconhecidos e assim podiam ter esperança como aqueles que sonhavam com o voo e cujos sucessores fizeram tal sonho tornar-se realidade. (JUNG, OC XII, § 341).

Ao que indica, na época em que a alquimia surgiu, nada se sabia sobre a matéria. Movidos pela curiosidade em conhecê-la, os alquimistas faziam seus experimentos. Segundo Jung, “a alquimia sabia de há muito que o mistério da transformação não atingia apenas a matéria química, mas também o próprio ser humano”. (JUNG, OC XVIII/2, § 1.693). Isto posto, podemos inferir que os alquimistas estavam em busca de autoconhecimento; o ouro a que se referiam seria o conhecimento de si próprio. Jung cita que “o ouro procurado não é – como os tolos supõe – o ouro comum (aurum vulgi), mas o ouro filosófico, ou mesmo a pedra maravilhosa, o ‘lapis invisibilitatis’ (a pedra da invisibilidade)”. (JUNG, OC XII, § 343).

Trabalhando com a ideia de redenção da matéria, os alquimistas pretendiam libertar o espírito da matéria, e almejavam conquistar este feito através das operações alquímicas, onde o *vaso* e o *fogo* eram imprescindíveis, por isso, são considerados *elementos fundamentais*. O *laboratório* torna-se um *conceito básico da alquimia*, indicando que nesse espaço, a transformação acontece com o devido cuidado. A palavra *laboratório* nos remete à *labor*, que significa trabalho; e *oratório*, lugar de oração. Os alquimistas eram chamados de artífices do fogo; pois, sem fogo não há transformação, nenhuma coisa passa de um estado para o outro. Na ótica junguiana, fogo é o símbolo da libido/energia psíquica.

O processo monitorado, cultivado e acelerado, remete-nos ao segundo lema alquímico aqui mencionado, que diz: a alquimia é um *opus contra naturam* – o que significa que é um trabalho contra a natureza. Isto porque, enquanto a obra da natureza consiste em decompor e desgastar a unidade anteriormente criada, a *opus philosophorum* parte justamente do degradado, buscando recriar a unidade perdida.

Jung postula que a alquimia “[...] procurava produzir um ‘*corpus subtile*’, o corpo transfigurado da ressurreição, isto é, um corpo que fosse simultaneamente espírito”.

(JUNG, OC. XII, § 511). A ideia de produzir um *corpo sutil* diz respeito a outro lema alquímico, que é *espiritualizar o corpo e corporificar o espírito*. O trabalho com este par de opostos – corpo/espírito – teria como intenção volatilizar o que é denso, e materializar o que é volátil em nós.

A principal *meta* da alquimia é a *coniunctio* – conjunção; a própria *opus* – representada pelos símbolos: pedra filosofal – em latim *lapis philosophorum*; hermafrodita; elixir da longa vida; imortalidade; ouro; diamante; leite da virgem e entre outros, colírio – como ampliação do olhar. Em resumo, podemos dizer que a meta da alquimia é atingir a totalidade. Para Edinger (2005) a *coniunctio* é o ponto culminante da obra; sendo o resultado da união de duas substâncias, que formam uma terceira, com propriedades distintas. Edinger realça que:

O fascínio dos alquimistas com a *coniunctio* do lado extrovertido promoveu um estudo do milagre da combinação química e levou à química moderna e à física nuclear. Do lado introvertido, esse fascínio gerou o interesse pelo conjunto de imagens e pelos processos inconscientes, levando à psicologia profunda do século XX. (EDINGER, 2005, p. 227)

A conjunção é quase sinônimo de consciência, mas não da consciência do ego, e sim da consciência da totalidade. A *coniunctio* também tem suas fases e seus estágios. As *fases da coniunctio* são conhecidas como *inferior* e *superior*. Edinger (2005, p. 228) explica-nos que a primeira ocorre quando se unem opostos que foram separados de maneira imperfeita, resultando uma mistura contaminada, sendo necessário procedimentos adicionais – psicologicamente falando, seria a identificação do ego com os conteúdos inconscientes ou da pessoa com a coletividade, quando reconhecemos os fenômenos da projeção e da transferência. A segunda, a *coniunctio superior*, “resulta de uma união final dos opostos purificados e, como combina os opostos, mitiga e retifica toda unilateralidade” (EDINGER, 2005, p. 231).

Os *estágios da coniunctio* – *unus mentalis*; *vir unus* e *unus mundus*, dizem respeito aos estágios de consciência. A conjunção muitas vezes é simbolizada pela imagem arquetípica do casamento, da relação sexual entre duas pessoas, da relação entre a consciência e o inconsciente etc., sendo um padrão universal. Mas ela não é só uma imagem bonita, de encontro amoroso, pode ser também de duas pessoas brigando, se confrontando – a imagem da luta, por exemplo, com as pessoas e conosco mesmos, o que significa que a conjunção também envolve separação.

Segundo von Franz (2022b, p. 35), os alquimistas estavam em uma situação completamente diferente dos católicos e de outras religiões; por isto, foram perseguidos e discriminados. Eles estudavam os fenômenos desconhecidos da matéria, e limitavam-se a observar o que se sucedia e a interpretá-los de algum jeito; e assim, a alquimia funcionou como uma corrente subterrânea cultural, em contrapartida ao cristianismo eclesiástico predominante.

O cristianismo estabeleceu sua teologia sobre a ideia da contradição dos opostos bem/mal, levando os fiéis ao entendimento de que o mal deve ser banido, para que Jesus Cristo seja um exemplo a ser imitado. Jung postula que “[...] esta imitação de Cristo, tomada em seu sentido mais profundo, implica sofrimento intolerável para a maioria dos homens”. (JUNG, OC XII, § 25). Para Jung “sem a vivência dos opostos não há experiência da totalidade e portanto também não há acesso interior às formas sagradas. [...] um tal intelecto, por ser unilateral, fica paralisado diante da ‘*ineptia mysterii*’ (absurdo do mistério)”. (JUNG, OC XII, § 24).

Esta totalidade mencionada por Jung é representada pelo número quatro. A cruz, como símbolo central do cristianismo, evidentemente indica uma ideia de quaternidade dos princípios divinos. No entanto, a Trindade cristã oferece-nos um valor incomum, por constituir uma representação hipostasiada e suprema da tríade bidimensional, representada na relação “Pai-filho”; entre eles, surge um terceiro elemento, que não é humano, mas “Espírito”. Jung (2007) contesta a Trindade, dizendo que, na ordem da natureza, existe ainda a relação de mãe e filha, que o dogma cristão suprimiu, transpondo o elemento feminino para outro plano. Deduz-se então, que a fórmula patriarcal, que exclui a mãe ou a progenitora divina, já *pairava no ar*, muito antes da era cristã.

Seguindo essa linha de raciocínio, nas palavras de Jung “chegamos ao axioma central da alquimia, ou seja, o aforisma de MARIA PROPHETISSA: ‘Um torna-se dois, dois torna-se três e do três provém o um que é o quatro’”. (JUNG, OC XII, § 26). De acordo com a interpretação psicológica desse axioma, o Um representa a totalidade do inconsciente; o Dois, o conflito entre opostos; o Três aponta para uma possível resolução, assim como para a *função transcendente* da estrutura psíquica e o Quatro, o estado transformado de consciência.

Para Jung “a função psicológica e ‘transcendente’ resulta da união dos conteúdos *conscientes* e *inconscientes*”. (JUNG, OC VIII/2, § 131). Sobre o axioma

de Maria, a judia ou Maria, a profetisa – filósofa grega e famosa alquimista, que viveu no Egito por volta de 273 a.C. Jung diz que “os números ímpares da dogmática cristã são entremeados por números pares que significam o feminino, a terra, o subterrâneo e até mesmo o próprio mal”. (JUNG, OC XII, § 26). Desta forma, podemos constatar que a alquimia valoriza a matéria, o feminino e o inconsciente.

O professor Lira (2023) ao escrever o prefácio da obra *Corpus Hermeticum Graecum* afirma que “[...] a teoria alquímica é originalmente uma filosofia hermética. No entanto, na Idade Média, essa filosofia sofreu amplificações interpretativas do cristianismo”. Esta colocação vem ao encontro do que foi postulado por Jung:

[...] A alquimia descreve um processo de transformação química e das instruções para sua realização. [...] a maioria concorda sobre os principais pontos, desde o início da era cristã. [...] Quatro estágios [...] são assinalados, caracterizados pelas cores originárias já mencionadas em HERÁCLITO. [...] A divisão do processo em quatro fases era chamada (a tetrameria da filosofia). [...] Mais tarde, por volta dos séculos XV e XVI, as cores foram reduzidas a três, e a xanthosis, também chamada de ‘citrinitas’, caiu gradualmente em desuso. [...] a mudança na classificação dos estágios foi devida ao significado simbólico do quaternio e da trindade, ou seja, foi devida a razões de ordem interna e psicológica, e não externa. (JUNG, OC XII, § 333).

Lira (2023) diz que Jung, com o intuito de colocar evidência objetiva que ultrapassasse suas experiências do *inconsciente coletivo*, encontrou duas fontes: a alquimia e o gnosticismo, que interpretadas psicologicamente, as duas serviriam como contrapartes antigas para sua psicologia. No entanto, Jung preferiu a alquimia, pois “encontrou na alquimia medieval um *nexus* entre o antigo gnosticismo e a psicologia moderna”. Isto posto, cabe-nos observar que as *três fases ou os três estágios da opus*: *nigredo*, *albedo* e *rubedo*, encontram correspondência nas quatro etapas da psicoterapia, descritas por Jung como “a confissão, o esclarecimento, a educação e a transformação” (JUNG, OC XVII/1, § 122). A confissão corresponde à *nigredo*; o esclarecimento e a educação à *albedo* e a transformação à *rubedo*.

A *nigredo* é a massa confusa, o caos, o esterco – existem várias imagens para representá-la. É também conhecida como a *matéria arcana* ou a *prima matéria* alquimista. É essa *prima matéria* que está no início do processo e vai aparecer depois como o *lápiz* – a pedra. A *prima matéria* não é uma coisa bela; no entanto, é de uma importância enorme no *opus alquímico*. O que é negro, denso e pesado, sugere sofrimento. Na clínica, é a queixa inicial, a sombra com a qual o analista vai trabalhar.

Da *nigredo* para a *albedo* surgem várias perspectivas, simbolicamente representadas pela *cauda pavonis* – cauda do pavão, uma possibilidade em cada cauda, em cada cauda um olho. Aí prevalece a cor azul, da tristeza e melancolia, para manter a consciência. Porém, a *cauda pavonis* indica o anúncio de todas as cores antes do branco vir. Lembrando que o preto é a ausência de todas as cores e o branco é a presença de todas as cores.

Após identificar e separar o que nos pertence e o que pertence ao outro ou ao mundo, reconhecendo o que precisa ser transformado, chegamos a um entendimento, obtemos conhecimento e somos agraciados por uma certa tranquilidade. Nesta etapa conhecida como a *albedo*, deparamo-nos com o primeiro dos estágios da *coniunctio*, a *unio mentalis*, que significa a união da *alma* com o *espírito*. Isso pressupõe uma dissociação – que significa a separação de conteúdos, a retirada de projeções, um certo distanciamento dos problemas, para que os mesmos possam ser compreendidos racionalmente. *Albedo* não é um lugar de chegada, mas um lugar de passagem. A compreensão ainda não significa transformação. Para ir do branco para o vermelho, tem que amarelar – amarelo representa o desejo, a libido e a extroversão.

Vale ressaltar que a dissociabilidade é o modo de funcionamento da psique; isto, pode ser tanto fonte de doença, como de saúde. A psique se dissocia entre diferentes opiniões e sentimentos sobre uma mesma coisa, e em diferentes complexos. O complexo egóico em nós pensa algumas coisas, quer algumas coisas; mas o complexo materno, o complexo paterno, tem outras vozes, são outras falas que nos invadem. Isto pode ser fonte da loucura. Por outro lado, se nos propusermos a lidar, a dialogar com estes conteúdos, podemos ter um ganho de consciência. Se algo não se dissocia, não temos como conhecer!

A mudança de atitude exige movimento. Não basta compreensão racional; o intelecto precisa se unir ao *corpo*, reconhecer suas emoções e seus instintos, só assim haverá manifestação de uma postura mais confiante e otimista frente ao mundo. Aqui a *unio mentalis* – *alma* e *espírito* – se une ao *corpo*, e assim acontece o segundo estágio da *coniunctio*, o *vir unus*. Na fase da *rubedo* constata-se que houve uma síntese interna, que o ego mudou a atitude em relação ao inconsciente, prevalecendo as necessidades e urgências da *alma* e não apenas às do ego.

Toda conjunção é misteriosa, todo encontro tem *um que* de mistério inapreensível. A terceira *coniunctio*, o *unus mundus*, é a junção dos três – *alma*,

espírito e corpo – com o mundo. Esta última etapa é a consumação do *mysterium coniunctionis*. Segundo Jung “[...] As pessoas honestas entre os alquimistas admitiam não ter ainda desvendado o último mistério”. (JUNG, OC. XIV/2, § 331).

As fases ou estágios do processo – *nigredo*, *albedo* e *rubedo*, representam uma das perspectivas da *opus alquímica*. No entanto, temos outras perspectivas, outras formas de olhar; entre elas, as operações, sendo que *solve/coagula*, conhecida como *arte espagírica* é considerada operação básica. Jung salienta que “[...] o inconsciente pretende ambas as coisas: separar e unir. [...] O inconsciente quer introduzir-se na consciência, a fim de poder chegar à luz”. (JUNG, OC. XI/4, § 740).

Quatro das operações estão diretamente associadas aos *quatro elementos*, também conhecidos como *princípios fundamentais da matéria*: a *calcinatio* associa-se ao fogo; a *solutio* à água; a *coagulatio* à terra, significando ganho de consciência e a *sublimatio* ao ar. Além destas, existem outras operações; as mais conhecidas são *separatio*, *coniunctio*, *putrefatio* e *imaginatio*. As operações correspondentes à *nigredo* são: *solutio*, *calcinatio*, *putrefatio* e *mortificatio*; à *albedo*: *separatio*, *sublimatio* e *solutio* (enquanto purificação) e à *rubedo*: *coniunctio* e *coagulatio*.

Neste trabalho estamos apenas citando as operações; todavia, elas estão muito bem explicitadas por Edinger, em seu livro *Anatomia da psique*. Nessa obra, o referido autor não discorre sobre a *meditatio*. Encontramos maiores explicações a respeito dessa operação em Jung, que nos diz “[...] a palavra ‘meditatio’ é usada quando ocorre um diálogo interior com alguém invisível que tanto pode ser Deus, quando invocado, como a própria pessoa ou seu anjo benigno”. (JUNG, OC. XII, § 390).

Além da *meditatio*, Jung apresenta-nos outros dois conceitos por ele considerados significativos para o entendimento do método alquímico: *imaginatio* e *amplificatio*. Para Jung “o conceito da ‘imaginatio’ é provavelmente uma das chaves mais importantes, senão a mais importante para compreensão do ‘opus’”. (JUNG, OC. XII, § 396). Sobre a *amplificatio*, Jung aponta que:

[...] o método da alquimia, do ponto de vista psicológico, é o da amplificação ilimitada. A ‘amplificatio’ é recomendada sempre que se trate de uma vivência obscura, cuja insinuação deva ser multiplicada e ampliada através de um contexto psicológico a fim de tornar-se compreensível. Por isso na psicologia complexa aplicamos a ‘amplificatio’ na interpretação dos sonhos. (JUNG, OC. XII, § 403).

Outra das perspectivas pelas quais podemos compreender a *opus alquímica* é através dos seus princípios. Os alquimistas consideravam todas as coisas como sendo compostas de três substâncias básicas - *mercúrio*, *sulphur/enxofre* e *sal*. Estas três substâncias são consideradas os *princípios alquímicos*, também conhecidos como a *tria prima* de Paracelso (1493-1541) – médico suíço, alquimista, teólogo e filósofo da Renascença alemã. Como os manuscritos alquimistas tinham linguagem codificada para ocultar o verdadeiro significado das informações; devemos saber que não se trata das substâncias *mercúrio*, *sulphur* e *sal* em si; mas, de formas espirituais atuantes, onde o *mercúrio* equivale ao *espírito*, o *sulphur* à *alma* e o *sal* ao *corpo*.

O *mercúrio* é compreendido como o *espírito* das coisas, sejam elas vegetais, metais ou psicológicas, e representa o inconsciente coletivo, sendo a parte mais espiritual. O *arquétipo em si* está no polo do espírito. O *espírito* é a parte não-física de uma pessoa, sede de suas emoções e caráter; é o princípio aguado, passivo, lunar, feminino que representa a essência oculta e fonte criativa de vida que existe em todas as coisas. No simbolismo alquímico, geralmente está associado a Lua e a Rainha. Os que se dedicam ao estudo do simbolismo, devem ter em mente que, um mesmo símbolo pode ter múltiplos significados; para além disso, é interessante perceber como eles se relacionam – tomamos como exemplo, a citação de Jung que diz:

[...] o masculino (Sol) e o feminino (Luna) são dois aspectos de uma e mesma substância, que é simultaneamente a causadora e a resultante de ambos: isto é, o Mercurius duplex, de quem dizem os filósofos que nele está contido tudo o que é procurado pelos sábios. (JUNG, OC XIV/1 § 118).

O *sulphur* está associado à *alma* – é o princípio animador da vida que tem como característica principal a energia, simbolizada pelo fogo. O *enxofre* alquímico é a *alma* de qualquer material, é a consciência da matéria. É o princípio ardente, ativo, solar, masculino que dá a uma substância suas propriedades ativas em relação a outras substâncias. Na alquimia, geralmente está associado ao Sol e ao Rei. No simbolismo alquímico, é representado pela salamandra e pela fênix.

O *sal* é o *corpo*, uma estrutura material que incorpora ou dá concretude a algo abstrato. Todos possuímos um *corpo*. Não somente nós, mas outras formas ou objetos de vida. Na alquimia, o *sal* simboliza o corpo físico e a matéria do qual a *alma* e sua força vital funcionam. É a matéria básica, propriedade solidificante que corresponde ao corpo. O *sal* é a força constritiva, o oposto do *enxofre*, e exhibe o processo de condensação e cristalização na química. Os alquimistas consideram o

sal a *prima matéria*, que aparece tanto no início quanto no final da obra. É a matéria corrompida e imperfeita, que deve ser destruída e dissolvida para liberar suas essências, de forma que possam ser purificadas e reconstruídas no novo *sal*, que é aperfeiçoado no final do experimento.

Os *quatro elementos*, como *princípios fundamentais da matéria*, têm sua origem nos três *princípios da alquimia*; sendo que o *enxofre* está arquetipicamente associado ao fogo; o *mercúrio*, com sua dupla natureza produz os elementos ar e água e o *sal* é a fonte do elemento terra.

No prefácio da obra *Psicologia Alquímica*, de James Hillman, Barcellos (2011, p. 9) nos diz que é possível fazer uma *alquimia física* – a nível do corpo, alquimia esta vista como uma pré-química, em que o estudo sobre as transformações da matéria são úteis para compreender como a natureza funciona. Uma *alquimia metafísica* – onde podemos fazer analogias místicas das imagens e das descrições dos tratados alquímicos, com o intuito de buscar um caminho de elevação espiritual. E, também de uma *alquimia da alma* – caminho este aberto por Jung, onde diante do inusitado e das proposições extremadas, encontramos correlatos idênticos dos processos de transformação da psique profunda, mostrando de forma explícita a vida psicológica.

Acreditamos ser este o momento oportuno para citar partes de um texto escrito por Barcellos, onde o autor faz a diferenciação entre *alma* e *espírito*:

Alma e espírito são dois campos de realidade. Campos diferentes de fenômenos, de realidades e de experiências. [...] as formulações do pensamento ocidental vêm se dando entre espírito e matéria, a famosa dicotomia corpo e mente. [...] alma é um campo de experiências e de fenômenos que, não somente pode, mas deve ser distinguida do espírito. [...] o espírito é ascendente, procura cumprir a subida, a purificação, o destacamento deste mundo, a viagem para um outro mundo, digamos assim, sempre mais alto. E a alma é descendente, vai para o vale, cada vez mais para o profundo. A alma é aquele campo de experiências no qual estamos em relação com os outros, com a comunidade, com o Outro, portanto é o campo das emoções, boas e más, o amor, o ciúme, a inveja, a atração, a alegria, o entusiasmo, a tristeza. Todo esse campo emocional/relacional é o campo da alma. O espírito, de modo geral, simboliza o ultrapassamento das emoções, a libertação das emoções. [...] É claro que todos os grandes místicos e os grandes pensadores e as grandes mentalidades, tanto no Oriente quanto no Ocidente, todas as grandes sabedorias, apontam para uma conexão, para um casamento, uma união de alma e espírito. Mas eles não podem ser confundidos. [...] A psicoterapia é um trabalho com a alma. A disciplina espiritual, a yoga, a meditação, são um trabalho no espírito. (BARCELLOS, in Schwarzstein, 2023, p. 70-71).

Sendo a *alma* – na linguagem junguiana, o psíquico em nós – este campo de experiências emocional/relacional, possível de ser trabalhado, e que, segundo

Barcellos (*in Schwarzstein*, 2023, p. 71-72) se encontra envolvida com a instância da beleza – no sentido estético, daquilo que nos desperta, pelos gregos chamados de *aisthesis*, ao contrário do que está dormindo, anestesiado, ela deseja despertar; isto acontecendo, a alma desperta o mundo; para tanto, antes precisa aprofundar, ir mais para dentro. O aprofundamento vem das preocupações, das nossas reflexões a respeito das coisas que nos acontecem.

Podemos traçar um paralelo deste caminho descendente percorrido pela alma – de ir mais para dentro e mais ao fundo, indo ao encontro do que está oculto, que é invisível – com um dos princípios metodológicos da alquimia, que é o *obscurum per obscurius*, *ignotum per ignotius*, que significa, o obscuro pelo mais obscuro e o desconhecido pelo mais desconhecido. Além deste princípio, temos outros: o já citado, *solve et coagula* – dissolve e coagula; *Deo concedente* – com a graça de Deus e *Ora et labora*; *Deus adest sine mora* – Reza e trabalha, Deus se apresenta sem demora.

Sobre a alquimia, podemos resumidamente acrescentar que se trata da ideia de abertura de sentido; que é uma prática que exige o máximo de atenção e o mínimo de intenção; que envolve a alma, as emoções e o coração/sentimentos. O mundo do espírito é o da unidade e o da alma, da multiplicidade. As imagens alquímicas trazem símbolos do inconsciente coletivo, sendo representações do mundo arquetípico. A alquimia não é ego-orientada e sim Self-orientada. Falar de alquimia é falar de transformação, de consciência. Ganha-se consciência, mergulhando no inconsciente!

Sobre o encontro de Jung com a alquimia – se sucedeu quando ele já estava mais experiente; ou seja, após a vivência das fases psiquiátrica e psicanalítica e até mesmo após ter desenvolvido os primeiros temas da psicologia analítica. A maioria dos artigos que falam a respeito do encontro do mestre com a alquimia, diz que isto aconteceu através do texto *O segredo da flor de ouro*, que lhe foi enviado por Richard Wilhelm (1873-1930) para que Jung fizesse uma apreciação. Porém, devemos considerar que Jung já tinha entrado em contato com a alquimia, através dos escritos de Herbert Silberer (1882-1923), seu parceiro do círculo profissional psicanalítico, que havia proposto uma aproximação da alquimia com a psicologia. Jung explica-nos que:

Cabe a Herbert Silberer, infelizmente falecido cedo demais, o mérito de ter descoberto por primeiro os fios ocultos que correm da alquimia para a psicologia do inconsciente. No entanto, o estado do conhecimento psicológico de então era ainda muito primitivo e enredado em pressupostos muito pessoais, de modo que o problema total da alquimia ainda não podia ser apreendido do ponto de vista psicológico. Mas antes

era preciso pôr fim ao menosprezo convencional tanto da alquimia como da alma. (JUNG, OC XIV/2, § 447).

Quanto ao texto *O segredo da flor de ouro*, Jung relata: “Wilhelm levou-me a conhecer a alquimia chinesa da Idade Média e abriu-me o caminho para entender os precedentes medievais de nossa psicologia moderna”. (JUNG, OC XVIII/2, § 1.131). Na ocasião, observando velhos textos alquímicos e seu simbolismo Jung pode compreender algumas das imagens que com frequência apareciam nos sonhos de seus pacientes; certos motivos que até então não havia compreendido.

A partir desse conhecimento, a alquimia pode ser utilizada como um modelo paradigmático para a prática analítica. Discorrendo sobre *A noção de trabalho na psicoterapia analítica*, Barcellos diz que “[...] foi a alquimia, dividida entre *theoria* e *practica*, entre oratório e laboratório, meditação e obra, a mais importante referência histórica e a mais poderosa metáfora para ancorar uma ideia de trabalho”. (BARCELLOS, 2012, p. 18).

Surge então a metáfora¹. Acrescentamos que se trata de uma figura de linguagem onde podemos fazer comparações, do tipo *como se*. Nesta forma de expressão, utilizamos imagens para expressar pensamentos, sentimentos e sensações. Por exemplo, uma pessoa que se encontra diante de um problema, às vezes diz: *estou no fundo do poço ou não vejo saída; está tudo escuro, nebuloso*.

Isto explica por que a *imaginatio* foi por Jung considerada a operação mais importante para o trabalho com a alma. Tendo Jung afirmado que “[...] imagem é alma”. (JUNG, OC XIII, § 75).; que “a psique cria a realidade todos os dias. A única expressão que me ocorre para designar esta atividade é fantasia. [...] a fantasia me parece a expressão mais clara da atividade específica da psique”. (JUNG, OC VI, § 73).; fica evidente que o imaginar é a atividade que caracteriza a psique. Esta capacidade da psique é compreendida como um processo autônomo, espontâneo, independente da vontade, sem intervenção da consciência. Ainda sobre a *imaginatio* – uma das técnicas utilizadas na psicoterapia junguiana é denominada imaginação ativa. Como o próprio nome diz, refere-se a um exercício imaginativo; que acontece quando o eu – a *consciência* dialoga com o inconsciente.

2. Metáfora: “Transposição, transferência, do grego *metapherein*, ‘transportar’. O termo indica em particular a transferência do significado de uma palavra ou de um objeto a outra palavra ou outro objeto, instituindo uma relação de analogia. Nesta transferência o próprio termo adquire um incremento ou uma variação em relação à sua significação originária”. (PIERI, 2022, p. 320).

Assim como acontece na linguagem dos sonhos, só podemos compreender os tratados alquímicos se reconhecemos que este conhecimento se revela através dos símbolos; e que seus escritos não podem ser interpretados literalmente, e sim através de metáforas. Ao falar sobre *A imaginação da matéria*, Barcellos afirma que “[...] se não olharmos para isso tudo metaforicamente, não acessaremos a sabedoria que está ali. [...] Então, encontrar a imaginação na matéria depende de uma operação metafórica”. (BARCELLOS, *in Schwarzstein*, 2023, p. 68).

Sendo a imaginação uma das chaves de acesso ao inconsciente, Barcellos enfatiza que “a maneira como entendemos e praticamos a psicoterapia, o trabalho psicológico propriamente dito, é realmente um exercício imaginativo. A psicoterapia é uma disciplina que desenvolve o campo imaginativo”. (BARCELLOS, *in Schwarzstein*, 2023, p. 69). Com o intuito de ampliar nosso espaço psíquico, o referido autor recomenda exercitar a imaginação, e aponta a arte como a via régia de acesso ao mundo imaginal; sugerindo também o estudo das mitologias, por se tratar de uma coletânea de imagens que incitam nossa imaginação.

Para Jung “estudos comparativos mostraram que os símbolos alquimistas são, por um lado, variantes de motivos mitológicos que fazem parte do mundo da consciência do alquimista e, por outro, são produtos espontâneos do inconsciente”. (JUNG, OC XVIII/2, § 1.700).

Considerando os pressupostos que o inconsciente é infinitamente maior que a consciência; que a consciência representa luz, enquanto o inconsciente representa sombra, aquilo que é desconhecido em nós; e que a forma de ampliar ou transformar a consciência é mergulhando no inconsciente – todo trabalho, todo cuidado com a psique, tem como intuito promover o autoconhecimento. Este desenvolvimento da consciência Jung chamou de *processo de individuação*; assim definido por Stein:

[...] a individuação remete à tendência inata – uma energia, um impulso ou, como direi em algumas passagens, um imperativo – de um ser vivo encarnar-se por completo, tornar-se verdadeiramente ele mesmo no mundo empírico do tempo e do espaço e, no caso dos seres humanos, a tomar consciência de quem e do que são. (STEIN, 2020, pg. 12)

Jung admite que “o conceito de processo de individuação, por um lado, e a alquimia, por outro, parecem muito distantes entre si e é quase impossível para a imaginação conceber uma ponte que os ligue”. (JUNG, OC XII, § 1). Todavia,

reconhece que “[...] o *opus alquímico* descreve o *processo de individuação*, mas de forma projetada porque é inconsciente”. (JUNG, OC XVIII/2, § 1.704).

Depois de, na medida do possível, ter separado os temas alquimia, metáfora e processo de individuação; iremos juntar, coagular, fazer uma *coniunctio* destes conteúdos, conforme proposto inicialmente. Devido à complexidade do tema, é bem provável que até aqui tenhamos feito uma *coniunctio* inferior, onde serão necessários outros procedimentos na tentativa de tornar este *paper* mais compreensível. A ideia agora é colocar os referidos conceitos em relação. Obviamente, o fio condutor que nos possibilitará este feito é a teoria proposta por Carl Gustav Jung (1875-1961).

Assim como a *opus alquímica*, a psique também pode ser vista sob as várias perspectivas. Por exemplo, podemos olhar a psique numa perspectiva *dinâmica* – libido/energia psíquica; na perspectiva *estrutural* – considerando a estrutura da psique como ego, sombra, persona etc.; sob a ótica dos *conteúdos da psique* – quando tratamos dos complexos e arquétipos. Enfim, quanto mais estudamos, mais compreendemos sobre a psique.

Os escritos de alquimia pressupõem um conhecimento de conceitos básicos da teoria, em especial arquétipos, projeção e outros. A alquimia pode nos servir de manual para compreensão de como se dá a transformação psíquica. Então, se tivermos uma ideia do que a alquimia fala, vamos obtendo formas imagéticas de como se dá a transformação. A alquimia é um excelente recurso psicoterápico.

Todos nós chegamos ao mundo com algumas questões e especificidades, a partir disso, podemos investigar quais são as transformações possíveis? Sabemos o quanto é difícil a transformação; por isso nos esforçamos para entender: como ela se dá? Quais são os graus desta transformação? O que conseguimos transformar e em quais aspectos? Somos meio vorazes, nossa tendência é querer transformar tudo de uma vez; por isso, precisamos ter cautela, pois a transformação envolve muito trabalho. Se não houver desconstrução, não há transformação.

Vimos como os alquimistas eram curiosos no sentido de tentar compreender e desvendar os mistérios contidos na matéria. E assim deve ser a postura do psicoterapeuta; temos que ter curiosidade pela psique, sobre a psique. Nosso objeto de trabalho é a psique, a que está no mundo e naquela pessoa específica, que se singulariza de algum jeito. Isto é o que move nosso trabalho. Precisamos ser pacientes com nossos pacientes!

Em cada sessão temos que nos fazer presentes, no sentido mais profundo dessa palavra; aos poucos, aquela psique vai se revelando. O trabalho dos alquimistas acontecia no laboratório. O nosso é no *setting* analítico, também conhecido como *temenos* – recinto sagrado. Esse vaso é um espaço protegido, onde o segredo, o sigilo, faz parte da nossa conduta, da ética profissional.

A meta da alquimia é a *coniunctio*, a própria obra – *a opus*, a *pedra filosofal*; os alquimistas sabiam que eram participantes dos seus experimentos; assim como psicoterapeuta está ciente de que participa do processo de seu paciente, fazendo a ponte entre a consciência e o inconsciente de quem está sendo assistido.

A meta da individuação é que as pessoas encontrem uma união estável. As pessoas passam pelo processo de individuação independentemente da psicoterapia. No entanto, se estamos falando de alquimia, enquanto obra alquímica, arte alquímica, podemos dizer que, em termos psicoterapia, estamos falando de uma individuação assistida, monitorada, refinada e controlada.

Conforme vivemos, vamos nos certificando de algumas coisas sobre nós, sobre nossa estabilidade interior, que pode ser representada pela construção de uma pedra onde podemos nos ancorar, podendo suportar determinados conflitos internos, chegando à solidificação de um eixo interior para que a união entre consciência e inconsciente não se perca tão facilmente; uma vez que, alguns estados de consciência se perdem rapidamente. Uma pessoa centrada, leva os outros a se centrarem, e isto altera o ambiente à sua volta.

Temos que ter em mente que a alquimia é simbólica, que não estamos falando do elemento químico literal, ele é apenas uma imagem. Imagens correspondem às fantasias. Fantasias em nós são veneno e ao mesmo tempo remédio – aquilo que nos gera é aquilo que nos mata. Em uma das célebres frases de Paracelso encontramos: “a dose certa diferencia um veneno e um remédio”. Isto reforça a importância do processo de autoconhecimento, ou de adentrar dentro de si; sendo esse um processo que nunca termina, é para a vida inteira.

O processo de psicoterapia não muda o fato, muda o jeito que vemos o fato e muda nosso estado de espírito perante aquele fato. Quando o desespero vira tristeza, já é uma grande transformação, já é uma entrada de luz, já é o sol começando a nascer na madrugada. Então, se estamos na noite escura da alma, sofrendo uma dor terrível, quando o sol começa nascer na madrugada, já é uma mudança. Essas

mudanças de cor, denotam mudanças no estado do material psíquico, de como a psique reage a aquilo.

Nossa vida muito funcional nos leva a uma cultura consumista; consumista de si próprio, inclusive. Quando ficamos muito no fazer, vamos nos anestesiando também. A pessoa se aliena de si próprio de diversas formas. A alienação de nós mesmos não deixa de ser uma anestesia; podemos nos anestesiarmos de várias formas: trabalhando muito, consumindo muito – às vezes isso é uma defesa, que pode ser necessária em alguns momentos; mas esta separação de nós mesmos promove uma anestesia em que se perde a alegria e o entusiasmo da criança.

A alquimia se dá porque duas substâncias se misturam e ambas se transformam; então, a alquimia trabalha colocando as coisas em relação. A relação psicoterapeuta/paciente também é a base do processo psicoterapêutico. Então, estamos falando de uma relação interpessoal, que é um fermento para a relação intrapsíquica, para a relação interna entre o eu e o inconsciente, entre o eu e os outros complexos, as outras vozes internas. Nessa relação que se dá entre o psicoterapeuta e o paciente, identificamos a dinâmica da transferência/contratransferência.

Constatamos que atualmente fala-se muito sobre alquimia, este é um tema que vem sendo bastante estudado, temos inúmeras publicações; porém, devemos tomar o cuidado para que este assunto não seja simplificado, como se fosse um conteúdo fácil – o que não é. A alquimia é complexa e desafiadora tanto quanto nosso processo de transformação. Temos que rever estas noções de transformação, pensar sobre o que é a transformação viável, possível, frente a determinadas situações de vida!

Parece que a meta aponta para onde temos que chegar; o pensamento linear tende a valorizar mais a *rubedo* que a *nigredo*, que o processo em si. Esta visão é muito capciosa. Precisamos lembrar que não existe *rubedo* se não tiver *nigredo*. Existem aspectos nossos mais inconscientes e outros mais corporificados, mais trabalhados. E que bom que temos coisas inconscientes – o que seria de nós se chegássemos ao estado de consciência plena?

Os complexos se projetam ou ficamos possuídos por eles; temos sintomas ou reprimimos; desconhecemos ou nos relacionamos com ele. Então, essa é uma questão de relação, de interlocução com os nossos complexos; com os nossos desejos de fogo, nossa energia psíquica, sendo essa a grande questão da psicoterapia e da alquimia – de colocar nossos desejos dentro de um vaso. Isso é o

contrário de repressão, a ideia é ficar vendo bem o que é aquilo e tomarmos consciência do que está acontecendo conosco.

Se pudéssemos localizar nossos complexos, reconheceríamos que enquanto alguns se encontram na *nigredo*, outros podem estar na *albedo* e outros na *rubedo*. Além disso, de acordo com nosso entendimento, e lembrando o Axioma de Maria Profetisa, ao percorrer o caminho *nigredo – albedo – rubedo*, retornamos à *nigredo*, com a diferença de que neste caso, estaremos *um ponto acima na espiral*; ou seja, com a consciência modificada, ampliada.

Acessando a imaginação, acessaremos os padrões também. Então, é preciso que saibamos quais padrões estão reverberando em nós, porque somos moldados por um padrão, sempre estamos sob a égide de um padrão arquetípico. Às vezes, temos como nos livrar dele, outras vezes ele vai se transformando.

Pensar alquimicamente é pensar no trabalho com a imaginação, na interlocução com as imagens – isto era o que os alquimistas faziam, eles estavam trabalhando com processos imaginativos o tempo todo. Na realidade a meta é a consciência, e os processos são as tomadas de consciência, porque *coniunctio* não é só a meta, é o processo. Jung realça que “[...] quando a consciência se aproxima do inconsciente, não é apenas ela que experimenta o choque e o abalo, mas também penetra nas ‘trevas’ do inconsciente um pouco da luz da consciência”. (JUNG, OC XIV/1, § 205). Nesta relação o inconsciente também sofre com alguma entrada de luz.

Estamos o tempo todo imersos em processos imaginativos, e se levamos para o laboratório, podemos colocar fermento nisto. Por exemplo, se temos uma planta, podemos ir podando, direcionando essa planta para extrair o melhor dela – e podemos fazer isso com a nossa psique, com nosso corpo, com nossa vida. As coisas vão acontecendo conforme a direção que tomamos na vida; se mudamos de direção, mudam também os acontecimentos.

Se pensarmos em termos históricos do pensamento ocidental, do período da alquimia até hoje, é um período que foi transcorrendo. Então, as coisas vão acontecendo, estão em constante transformação. Não podemos ficar olhando para traz e dizendo lá atrás era melhor, muita gente fala isto. A vida segue e tem um *para que*. Chegamos num período histórico em que se consegue entender alguns processos. O novo dá uma luz para aquilo que acontecia, e aquilo que acontecia

mostra a nossa base enquanto ser humano. Por maior que seja a transformação, sempre seremos os mesmos.

Assim como os alquimistas pretendiam libertar o espírito que se encontra na matéria; o trabalho com a psique, pode revelar nossa essência. Segundo Wenth

O 'ouro' já se encontrava como germe para os alquimistas, assim como para Jung nosso vir-a-ser também, o processo de análise gradativamente liberta aquilo que verdadeiramente somos das amarras de uma personalidade estreita, 'não trabalhada', 'não cultivada'. (WENTH, 2001).

Vimos que a imaginação cria realidades, assim vamos construindo formas de viver e de sentir, conforme o que damos conta no momento. Cientes de que somos seres em relação, e que a convivência com nossos semelhantes nem sempre são situações agradáveis e confortáveis; Jung nos mostra um caminho para enfrentar situações adversas, dizendo que:

[...] Requer-se verdadeiramente uma consciência de natureza lunar para passar por cima de tudo o que se separa e, por exemplo, unir uma grande família, falando e agindo de tal modo que não prejudique o relacionamento harmônico das partes para com o todo, e até mesmo o promova. E onde houver um fosso por demais profundo, aí um raio de luar produz a ilusão de que ele não existe. (JUNG, OC XIV/1, § 221).

Com isso, Jung quer dizer que às vezes é preciso de uma luz lunar para conseguir conviver com algumas pessoas em família; porque esta luz consegue passar por cima de algumas coisas. Às vezes, colocar muita luz em algumas coisas, ao invés de clarear, só faz mais sombra; se colocarmos uma luz mais fraca, que conjugue a luz e a sombra, conseguimos algumas mudanças muitas vezes. Isto porque, a luz lunar promove ilusão, e às vezes, vivemos de ilusão.

Se a psicoterapia é um processo de transformação e a alquimia denota este processo de transformação, existe um padrão que inscreve os processos transformativos – os chamados padrões arquetípicos. Portanto, assim constatamos que *a alquimia é uma metáfora para o processo de individuação*; ou seja, um processo de transformação pelo qual o indivíduo passa; sendo também uma metáfora do processo psicoterápico.

O tratado alquímico *Mutus Liber* – o livro mudo da alquimia, é composto só de imagens; exceto poucas palavras nas duas últimas páginas, onde se lê “ORA LEGE LEGE RELEGE LABORA ET INVENIES”. E, “OCCULATUS ABIS” – que significa: “Ora, lê, lê, lê, relê, trabalha e encontrarás”. E, “Caminhai com vigilância”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Gustavo. **Psique e imagem : estudos de psicologia arquetípica** / Gustavo Barcellos. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012. – (Coleção Reflexões Junguianas).

EDINGER, Edward E. **Anatomia da psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 4ª. Edição. São Paulo : Editora Pensamento-Cultrix, 2005.

FRANZ, Marie-Louise von. **Alquimia e a Imaginação Ativa**: estudos integrativos sobre imagens do inconsciente, sua personificação e cura / Marie-Louise von Franz; tradução Pedro da Silva Dantas, Jr. – 2. ed. – São Paulo: Editora Cultrix, 2022a. – (Biblioteca Cultrix de psicologia junguiana).

_____. **Alquimia**: uma introdução ao simbolismo e seu significado na psicologia de Carl G. Jung / Marie-Louise von Franz; tradução de Álvaro Cabral. – 2. ed. – São Paulo : Editora Cultrix, 2022b.

HILLMAN, J. **Psicologia alquímica** / James Hillman ; tradução de Gustavo Barcellos. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. – (Coleção Reflexões Junguianas)

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e alquimia** / C.G. Jung; tradução Maria Luiza Appy, Margaret Makray, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva; revisão literária Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy ; revisão técnica Jette Bonaventure. – 4ª. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009. (Obras completas de C.G. Jung; v. XII).

_____. **Interpretação psicológica do dogma da Trindade**. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Resposta a Jó** / C.G. Jung; Tradução do Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha: revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. – Petrópolis, Vozes, 1986. 136p. (Obras completas de C.G. Jung; v. 11/4).

_____. **A natureza da psique** / C.G. Jung ; tradução de Mateus Ramalho Rocha. – 10. ed. – Petrópolis, Vozes, 2013. 17ª reimpressão, 2021.

_____. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência** / C.G. Jung; tradução de Maria Luiza Appy; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. – 16. ed. – Petrópolis Vozes, 2013. 5ª reimpressão, 2017.

_____. **A vida simbólica** : escritos diversos / C.G. Jung ; tradução Edgar Orth ; revisão técnica de Jette Bonaventure. – 4. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

_____. **Estudos alquímicos** / C.G. Jung; tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy. – 4. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2013. 10ª reimpressão, 2019.

_____. **Tipos Psicológicos** / C.G. Jung; tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth ; revisão literária Edgar Orth ; revisão técnica Jette Bonaventure. Petrópolis, RJ : Vozes, 1991.

_____. **Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia** / C.G. Jung, com a colaboração de Marie-Louise von Franz; [Tradução Valdemar do Amaral; revisão literária de Orlando dos Reis; revisão técnica Jette Bonaventure]. – 6. ed. – Petrópolis. RJ: Vozes. 2012. 6ª reimpressão, 2017. OC XIV/1.

_____. **Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia** / C.G. Jung, com a colaboração de Marie-Louise von Franz; tradução Valdemar do Amaral; revisão literária Orlando dos Reis; revisão técnica Jette Bonaventure. – 3. ed. – Petrópolis. RJ: Vozes. 2012. 5ª reimpressão, 2017. OC XIV/2.

OS TRÊS INICIADOS. **O Caibalion**: Um Estudo da Filosofia Hermética do Egito Antigo e da Grécia. Camelot Editora. – Barueri : Camelot Editora, 2022.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano** / dirigido por Paolo Francesco Pieri; tradução de Ivo Storniolo. – Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Paulus, 2022.

SCHWARZSTEIN, M. A. **Mundos imaginais : segundo Corbin, Hillman e Jung** / organização Marco André Schwarzstein. – 1. ed. – Brasília, DF : Academia Imaginal, 2023.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação : uma introdução concisa** / Murray Stein ; tradução Euclides Luiz Calloni. – São Paulo : Cultrix, 2020.

TRIMEGISTOS, H. **Corpus hermeticum graecum** = Corpus hermeticum graecum / Hermes Trimegistos; prefácio, introdução e glossário grego-português de David Pessoa de Lira. – 1. ed. – São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

VARGAS, N. de S. **Aspectos históricos da alquimia**. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2º sem. 2017. v. 35-2.

WENTH, R. C. **Alquimia e psicoterapia**. <https://ijpr.org.br/artigos/alquimia-e-psicoterapia-renata-wenth/>. 2001/08/ (Acesso em 01/03/2024).

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

LANDUCCI, Debora Marçal de Almeida (2016). **A opus alquímica e o trabalho do analista**. Cadernos Junguianos, nº 12, p. 9-25. São Paulo: AJB.

SANTOS, Vitor P. Calixto dos (2023). **Jung e a metáfora alquímica**. <https://symbolon.com.br/wp-content/uploads/2023/07/>. (Acesso em 01/03/2024).

SOUZA, Paulo Costa de. **O processo alquímico e a psicoterapia junguiana**. <https://symbolon.com.br/wp-content/uploads/2023/07/>. (Acesso em 20/02/2024).